



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

Marcio Che Alves Reis

PEGAR O CELULAR OU PEGAR NA FESTA: UMA ANÁLISE DO ESQUEMA
CONSTRUCIONAL [S PEGAR X] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.

Rio de Janeiro

2025

MARCIO CHE ALVES REIS

PEGAR O CELULAR OU PEGAR NA FESTA: UMA ANÁLISE DO ESQUEMA
CONSTRUCIONAL [S PEGAR X] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.

Monografia submetida à Faculdade
de Letras da Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado em Letras
na habilitação Português/Alemão.

Orientador: Roberto de Freitas Junior

Rio de Janeiro
2025

CIP - Catalogação na Publicação

C319p Che Alves Reis, Marcio
PEGAR O CELULAR OU PEGAR NA FESTA: UMA ANÁLISE
DO ESQUEMA CONSTRUCIONAL [S PEGAR X] NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO. / Marcio Che Alves Reis. -- Rio de
Janeiro, 2025.
33 f.

Orientador: Roberto De Freitas Junior.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Alemão, 2025.

1. Linguística . 2. Gramática de construções . 3.
Acessibilidade cognitiva . I. De Freitas Junior,
Roberto, orient. II. Título.

“é preciso imaginar Sísifo feliz”

- Albert Camus.

AGRADECIMENTOS:

Eis aqui a parte mais interessante da monografia. Perdoem-me aqueles que vieram aqui, porventura, ler sobre os resultados de mais de dois anos de pesquisa. Esse trabalho diz mais respeito a essas palavras do que o estudo em si, embora esse tenha sua importância.

Enfim, o que gostaria de dizer com tudo isso é que tamanho é meu agradecimento e carinho pelas pessoas que estiveram ao meu lado ao longo dessa trajetória que o esforço e o trabalho imposto nessa pesquisa me parece ínfimo. O amor que coloco nessas palavras não pode ser medido por qualquer métrica ou avaliado por uma metodologia.

Começo, então, esse agradecimento pelo clichê e pelos meus pais. A minha mãe, minha inspiração de toda vida e minha protetora de sempre. Ao meu pai, que não podendo estar presente em vida, agiu como memória e espírito me guiando até aqui. Ao meu querido “paidrasto” que em minha criação foi um fiel confidente e me auxiliou em momentos difíceis.

A minha esposa, Anna Bazzanela, não sei se caberia um parágrafo de agradecimento. Creio que, na verdade, nem mesmo uma vida seria possível para agradecê-la. Porém, farei o possível aqui com o que tenho. Então, o que diria Werther de Lotte? Que daria a vida pelo seu amor? O que falar de Odisseu e Penélope? e o que dizer da busca incessante dele até que chegue nos braços de sua amada. Bom, a medida do herói romântico são seus atos. Farei então, todos os dias, enquanto eu viver, de tudo para que eu possa agradecer a sua presença em minha vida, meu amor. Essas palavras nada são. Prometo que farei muito mais do que dedicar-lhe apenas um parágrafo, porém como o que tenho no momento é isso, então isso eu te dedico.

Bom, não posso deixar de agradecer também aos meus professores e orientadores, sobretudo ao grande nome de toda essa obra, Roberto de Freitas. Um homem singular e de bom coração que esteve do meu lado como um fiel escudeiro. Além dele, meu coorientador, João Nascimento, um grande amigo que tanto me ajudou, principalmente no início da minha jornada. Um “obrigado” especial a professores queridos que tive o prazer de conhecer ao longo da graduação com ênfase ao setor de alemão e aos professores Vitor Vieira Ferreira, Érica Schlude Wels, Mergenfel Vaz, Fabiana Macchi, Álvaro Bragança e ao Leonardo Vichi. Além da minha querida “conterrânea”, Jenny Fischer.

Aos meus amigos e monitores, quero que saibam que sem vocês esse caminho teria sido uma tortura sem fim. Portanto, agradeço aos verdadeiros: “König von Ihnen”, Bernardo Timm; a minha cara, Lua Errie; a Mariana Fernandes, La Ragazza Bella. As monitoras Manoela Amstalden e Jade Soares. Obrigado a vocês! Aos meus amigos Jota, Nenel e Léo

que a distância e o tempo não conseguiram fragilizar a amizade. A minha irmã de outra vida, Karine Bellotti. A alemã de coração brasileiro, Kathi Bleher. Meu amado amigo, Juan Neres. A artista da família, Luiza Boechat. Minha outra metade, Kote. O meu mais sincero agradecimento a todos.

Por fim, eu poderia ficar aqui durante todo o resto desse ano agradecendo desde as senhoras do trailer que me vendiam café e a meus outros parentes que em maior ou menor grau me influenciaram positivamente. Todavia, não creio que caiba aqui tantas palavras. Gostaria de terminar enfim pedindo desculpas ao leitor que caso esteja em minha vida e converse comigo, mas não viu seu nome aqui, acredite, por favor, você é especial para mim. Eu apenas devo ter esquecido momentaneamente de citá-lo ou me perdido no turbilhão de caos que é minha mente. Me perdoe, portanto. E agradeço a todos aqueles que venham a ler essas palavras e desejo a maior das sortes em sua jornada que curiosamente todos nós chamamos de vida.

RESUMO

O presente trabalho é resultado final de um projeto que tem como plano teórico o campo da linguística Cognitivo-Funcional. Neste texto, o modelo da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) foi usado para avaliar graus de acessibilidade cognitiva (Perek, 2015) em esquemas construcionais com o verbo PEGAR, com foco no português brasileiro. Com base nesse alicerce teórico, foi feita uma série de análises de forma quantitativa e qualitativa para se comprovar a hipótese de que de acordo com a experiência do uso, diferentes construções de estrutura argumental em fusão direta com o verbo em questão possam existir em diferentes graus de esquematicidade e idiomatidade, conceitos amplamente trabalhados e discutidos ao longo da pesquisa. O estudo empregou dados do Corpus do Português e do Twitter, analisando construções argumentais com o verbo PEGAR, avaliando assim as construções em PB sincrônico. Examinados os esquemas de construções ligadas ao padrão geral [S PEGAR X] no PB, encontrou-se, partindo do nível mais prototípico, [S [PEGAR O]], construções com diferentes graus de complexidade e idiomatidade, arroladas nos padrões formais [S [PEGAR X]], [S PEGAR X] e [Z PEGAR Y].

Palavras-chave: Gramática de construções, Uso, Acessibilidade cognitiva, esquema.

ABSTRACT

This study is the final result of a project grounded in the theoretical framework of Cognitive-Functional Linguistics. In this text, the Usage-Based Construction Grammar (UBCG) model is employed to assess degrees of cognitive accessibility (Perek, 2015) in constructional schemas involving the verb *PEGAR*, with a focus on Brazilian Portuguese. Based on this theoretical foundation, a series of quantitative and qualitative analyses was conducted to test the hypothesis that, according to usage-based experience, different argument structure constructions incorporating the target verb may occur along a continuum of schematicity and idiomatity—concepts extensively explored and discussed throughout the research. The study draws on data from the *Corpus do Português* and Twitter, analyzing argument structure constructions with the verb *PEGAR* and thus offering a synchronic account of these patterns in Brazilian Portuguese. By examining the constructions linked to the general [S PEGAR X] pattern, the study identified, beginning from the most prototypical level, [S [PEGAR O]], several constructions exhibiting varying degrees of complexity and idiomatity, which were categorized into the formal patterns [S [PEGAR X]], [S PEGAR X], and [Z PEGAR Y].

Keywords: Construction Grammar, Usage, Cognitive Accessibility, Schema.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS
 - Base teórica
 - Frequência e acessibilidade cognitiva
3. METODOLOGIA
4. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS
 - Animacidade do sujeito
 - Animacidade do objeto
 - Holisticidade
 - Types e Tokens
 - Proposta de rede
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS
6. CONCLUSÕES
7. REFERÊNCIAS

1.Introdução

A presente pesquisa foi inicialmente motivada pela leitura e observação de trabalhos vinculados ao campo da Linguística Funcional, viés teórico que compreende a linguagem de modo particular, como aponta Furtado da Cunha (2008, p. 157):

“Os funcionalistas concebem a linguagem como um instrumento de interação social, alinhando-se, assim, à tendência que analisa a relação entre linguagem e sociedade. Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para fatos da língua.”

Partindo dessa concepção de linguagem, fundamentada na interação social e nos usos efetivos da língua, surgiram questionamentos voltados a fenômenos linguísticos recorrentes no português brasileiro (PB) e passíveis de análise descritiva sob esse viés. Um desses fenômenos é a regularidade da ordem canônica Sujeito-Verbo-Objeto (SVO), que forma a base estrutural de muitas orações no PB. Nesse contexto, chamou atenção a recorrência de determinados verbos que compõem construções de estrutura argumental dentro desse padrão. Entre eles, destacou-se o verbo “pegar”, cuja alta frequência, ampla variabilidade semântica e fácil acesso a dados empíricos motivaram sua escolha como foco deste estudo.

Contudo, à medida que a pesquisa se desenvolvia e os dados começavam a ser analisados, tornou-se evidente que a Linguística Funcional, embora útil, não oferecia todas as ferramentas necessárias para compreender certos aspectos formais e funcionais envolvidos nos usos do verbo. Observou-se, em especial, que o padrão [S PEGAR O] operava dentro de um *continuum* construcional, que ia desde usos mais produtivos e composicionais com o verbo ‘pegar’ a outros altamente cristalizados e idiomáticos. Esse comportamento sugeria que, para além da estrutura argumental, havia processos de esquematização, fixação e mudança construcional em jogo — fenômenos mais bem descritos sob a perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU).

Essa constatação levou à incorporação da GCBU como base teórica principal da pesquisa, dado seu compromisso com a centralidade do uso, da frequência e da cognição na descrição gramatical (Bybee, 2010; Goldberg, 1995; Traugott; Trousdale 2013). No percurso,

também se fizeram necessárias categorias complementares como acessibilidade cognitiva e valência verbal, que contribuiram para o entendimento da variação de sentidos nos dados (Perek, 2015; Freitas Jr. *et al.*, 2022).

Para ilustrar o fenômeno que nos levou à mudança teórica, observe-se os exemplos a seguir:

1. Vou pegar uma camisa minha.
2. Cauly vem aí e o bicho vai pegar.

Em (1), temos uma construção com sujeito e objeto plenamente identificáveis e substituíveis — trata-se de um uso mais composicional, aberto à produtividade uma vez que os constituintes do esquema podem ser variáveis, pois como uma construção de estrutura argumental de maior grau de produtividade, não há necessariamente uma coerência semântica específica identificada em seus constituintes. Já em (2), a construção é mais idiomática e sem possibilidade de substituição totalmente livre de seus constituintes, o que aponta para um grau menor de esquematicidade e opacidade semântica. Esse contraste exemplifica o tipo de variação que esta pesquisa busca descrever: um mesmo esquema formal¹, [S Pegar O], abriga sentidos distintos distribuídos ao longo de um *continuum* construcional, no qual encontram-se pareamentos forma-sentido de diferentes graus de esquematicidade e composicionalidade.

Assim, com o objeto de pesquisa definido e a base teórica reformulada a partir dos dados, o presente estudo visa descrever e interpretar os usos do verbo pegar no português brasileiro sincrônico, com base nos princípios da GCBU.

No mais, esta monografia tem dois objetivos principais, um de natureza geral e outro específica. O objetivo geral seria identificar e descrever construções de estrutura argumental com o verbo “pegar”, em sua forma infinitiva, no português brasileiro sincrônico, com base na Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). O objetivo específico seria mapear os diferentes usos do verbo pegar em construções esquemáticas, semi-esquemáticas e idiomáticas, observando suas funções semânticas e suas relações construcionais no interior de um mesmo padrão formal.

¹ Ao longo dessa monografia, muitas vezes usaremos expressões referentes ao aspecto formal das expressões analisadas, não mantendo necessariamente compromisso com a ideia de construção (pareamento forma-função), dado que nosso foco, nesses contextos, é apenas o rótulo que salienta aspectos formais de usos, muitas vezes, bem distintos funcionalmente.

A hipótese central que norteou a pesquisa é que, dada sua alta frequência de uso, o verbo *pegar* estaria inserido em um padrão construcional recorrente e relativamente fixo no português brasileiro, a saber: [S PEGAR O]. Tal padrão, por sua produtividade e recorrência, tende à cristalização como um esquema abstrato específico, mas ainda assim, passível de variações formais e semânticas.

Supõe-se, ainda, que essas variações envolvam mudanças nos constituintes da construção (sujeito e objeto), o que resulta em diferentes sentidos, desde usos mais associados ao padrão argumental básico até formulações idiomáticas. Esse fenômeno seria impulsionado por fatores como a acessibilidade cognitiva dos elementos e a valência verbal da construção (PEREK, 2015; BYBEE, 2010), que favorecem o processamento rápido e a categorização de usos pelo falante.

Assim, o presente trabalho parte da hipótese de que tais construções organizam-se em uma rede construcional que conecta padrões mais abertos e produtivos a expressões mais fixas e opacas, formando um continuum semântico-formal. O mapeamento dessa rede permitirá visualizar, de maneira abrangente, os esquemas construcionais associados ao verbo “*pegar*” e suas diferentes construções com funções e graus de composicionalidade específicos.

2.Pressupostos Teóricos

Este capítulo apresenta os pressupostos teóricos que fundamentam a presente pesquisa. A vertente principal que norteia o estudo é a Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) que faz parte da Linguística Funcional Cognitiva. A abordagem foi essencial para a construção do olhar analítico adotado nesta monografia, pois compartilha o compromisso com a centralidade do uso, da cognição e da variação linguística na descrição gramatical. Com base em seus princípios, foi possível compreender o comportamento do verbo *pegar* de maneira mais integrada, levando em conta tanto suas regularidades formais, quanto suas variações semântico-discursivas.

2.1. Base teórica

Para Bybee (2010), a linguagem é um fenômeno que, embora apresente certa regularidade formal, está sujeita a variações constantes em todos os seus níveis. Assim, mesmo que existam princípios estruturais partilhados por todos os falantes, a língua é fundamentalmente moldada por seu uso, e esse uso está em permanente transformação. Diante desse dinamismo, torna-se necessário adotar uma teoria que dê conta dos processos de mudança, variação e frequência — elementos centrais da experiência linguística.

A Linguística Funcional Cognitiva, nesse sentido, propõe uma abordagem que não se limita a um único nível da estrutura linguística, mas busca integrar diferentes domínios (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática), em diálogo com os processos cognitivos de domínio geral. Isso significa dizer que a linguagem é compreendida como parte de um sistema cognitivo mais amplo, no qual princípios como categorização, analogia, memória e associação transmodal também atuam na formação e organização da gramática.

Segundo Hopper (1987), a língua pode ser vista como um sistema adaptativo complexo, ou seja, um sistema que exhibe padrões, mas que é sensível à mudança e à variação, tornando-se emergente e não um sistema estável. Esses padrões não são regras fixas, mas regularidades emergentes do uso, moldadas pelas interações sociais e pelos mecanismos cognitivos dos falantes.

Em Bybee (2010), identificam-se, entre os processos cognitivos centrais à gramática, os seguintes conceitos:

- **Chunking:** processo pelo qual sequências de palavras frequentemente coocorrentes são armazenadas como unidades únicas de forma e sentido, facilitando o acesso e o uso;
- **Categorização:** mecanismo pelo qual itens com características semelhantes (forma, função, sentido) são agrupados cognitivamente;
- **Memória enriquecida:** capacidade de armazenar experiências linguísticas detalhadas, influenciando o reconhecimento e a produção de padrões;
- **Analogia:** princípio que permite gerar novas construções com base em construções previamente conhecidas
- **Associações transmodais:** conexões entre forma e significado que favorecem a coerência entre o conteúdo conceitual e sua expressão formal.

Esses processos permitem compreender como a gramática emerge da experiência linguística, tornando possível a formação de construções variadas. A linguagem, assim, não é um sistema autônomo de regras abstratas, mas um fenômeno emergente, enraizado na cognição e decorrente da interação social.

A partir desse modelo, a presente pesquisa buscou compreender o verbo pegar como parte de um sistema linguístico em constante adaptação, cujos padrões de uso — suas características formais e funcionais — são moldados pelas interações entre forma, sentido e contexto. A escolha desse referencial se mostrou produtiva para descrever a maneira como um mesmo esquema formal pode veicular sentidos distintos, dependendo da frequência, do contexto e da configuração dos seus constituintes.

Ademais, a Gramática de Construções surge, nos anos 1980, como uma alternativa teórica que passa a valorizar os padrões linguísticos idiossincráticos, mas ao mesmo tempo produtivos — ou seja, aqueles que combinam irregularidade com regularidade dentro de um mesmo sistema (Pinheiro, 2018). Esse movimento, inicialmente impulsionado por linguistas como Fillmore, Goldberg, Croft e outros, se propôs a tratar a gramática como um inventário de construções, entendidas como unidades emparelhadas de forma e sentido.

O texto fundador de Fillmore, *“The Mechanisms of Construction Grammar”* (1988), representou uma virada teórica ao propor uma nova forma de conceber a gramática, não mais como um conjunto de regras abstratas e universais, mas como um sistema de conhecimentos armazenados na mente do falante. Três princípios centrais organizam esse modelo, segundo Pinheiro (2018): 1.Princípio da unificação: compatibilidade entre instâncias concretas e esquemas abstratos; 2.Princípio da herança: compartilhamento de traços entre construções pertencentes a uma mesma rede; 3.Princípio da obrigatoriedade: verificação da presença ou ausência de elementos essenciais à construção.

Essa perspectiva foi amplamente desenvolvida por Goldberg (1995) e posteriormente por Bybee (2006, 2010), que incorporaram de forma mais sistemática os fatores cognitivos e a centralidade da frequência de uso para o entendimento da emergência da gramática. Bybee propõe que a gramática deve ser vista como uma organização cognitiva de experiências linguísticas, ou seja, como um sistema dinâmico de padrões construídos a partir da recorrência no uso.

Assim, a partir daí, a noção de construção tornou-se central para muitas correntes linguísticas de orientação funcional-cognitiva: cada construção representa um emparelhamento específico entre uma configuração formal (estrutura sintática, fonológica, prosódia e morfologia) e um conteúdo semântico-pragmático. Essas construções podem ser mais ou menos esquemáticas, produtivas ou composicionais. Por exemplo, na rede em que, defendemos, encontramos o padrão [S PEGAR O] como nó central e geral, há espaço para construções de diferentes graus de variabilidade esquemática, produtividade e composicionalidade.

O que ocorre, na verdade, é que as sentenças podem ser divididas em diferentes grupos de acordo com seu padrão formal de composição. Exemplificando, no nível mais prototípico, tem-se a sentença "Ele devia pegar o celular", que se encaixa dentro do padrão S [pegar O] em que O é um constituinte sintático qualquer, como um objeto inanimado, que sofre um tipo de transferência de forças do verbo.

Como segundo exemplo, na sentença "Vou pegar sua mãe na festa", o objeto (sua mãe) poderia ser substituído por outros elementos [+humanos] e [+animados] (pai, irmão, pessoa, etc.), demonstrando que há uma abertura esquemática controlada por traços semânticos específicos, o que se encaixa em um padrão, doravante representado por S [pegar (O)], em que esse objeto pode ser substituído por elementos que sejam semanticamente semelhantes.

Nas sentenças como [eu vou pegar pesado] tem-se uma diferença no complemento. Além de demonstrar uma característica mais idiomática que o segundo tipo, esse padrão apresenta menor variação, utilizando o exemplo, por tratar do sentido de intensidade, poderiam ser considerados complementos como "leve" ou "pesado", o que é uma redução significativa de elementos possíveis de serem usados como complementos. Logo, nesse terceiro tipo de estrutura a coerência semântica é ainda mais forte, com item (ou itens) bem específicos, surgindo o padrão S [pegar X], em que X seria um constituinte mais ligado ao verbo, por processo de *chunking*, mais idiomático e de maior coerência semântica, além de ser menos esquemático, pois não seria previsto um grande número de substituições.

Por fim, o último modelo é um chunk completo. Um enquadramento de forma e sentido, ou seja, um padrão não passível de substituições e com um sentido próprio. Nesse

sentido ele seria representado pelo padrão formal [(Z) pegar (X)] em que os constituintes podem assumir basicamente qualquer classe gramatical, podem não ser expresso e, também, não é possível a mudanças diversas, como ocorre nos exemplos [o bicho vai pegar] ou [pegar ou largar].

Dessa forma, a GCBU fornece um modelo teórico robusto, capaz de descrever tanto construções altamente produtivas quanto expressões idiomáticas cristalizadas. Um de seus principais diferenciais é tratar a gramática como uma rede de construções, organizada em torno de um *continuum* entre itens de diferentes graus de esquematicidade e idiomaticidade, associados ao que tradicionalmente classificamos de léxico e de gramática. Esse *continuum* abrange desde construções mais abertas e composicionais até *chunks* fixos, nos quais a forma e o sentido estão rigidamente associados.

2.2. Frequência e Acessibilidade Cognitiva

Ainda no escopo da GCBU, destaca-se um conceito central para esta pesquisa: o de acessibilidade cognitiva, conforme desenvolvido por Perek (2015). Esse conceito parte da ideia de que a frequência de uso de uma construção influencia diretamente sua representação cognitiva e sua disponibilidade de ativação pelo falante.

Construções mais frequentes tendem a se consolidar na memória como unidades linguísticas mais estáveis e acessíveis. Isso significa que um mesmo verbo — como pegar — pode participar de diferentes construções e adquirir múltiplos sentidos justamente por sua alta frequência em contextos diversos. Essa frequência favorece o enriquecimento de sua rede construcional e o aumento de sua flexibilidade semântica.

Por outro lado, verbos menos frequentes tendem a estar associados a um repertório mais limitado de construções e sentidos. A frequência, portanto, é um fator central na emergência, consolidação e produtividade das construções.

Além disso, quanto mais recorrente for uma construção, maior sua acessibilidade cognitiva, ou seja, mais rapidamente ela pode ser ativada e processada pelo falante. Essa prontidão cognitiva está relacionada à fixação de padrões na memória, facilitando a produção fluente da linguagem e a categorização de novos usos.

Dessa maneira, os conceitos de frequência e acessibilidade cognitiva desempenham papel fundamental na análise dos usos do verbo pegar, especialmente para compreender como construções variam em termos de esquematicidade e produtividade.

3. Metodologia

Esta seção descreve, de forma detalhada, os procedimentos metodológicos adotados ao longo da pesquisa, com o intuito de esclarecer cada etapa do processo analítico.

A metodologia foi organizada em três etapas principais, cada uma com características e objetivos específicos: (1) a coleta de dados; (2) a identificação e o agrupamento dos construtos; (3) o tratamento quali-quantitativo das informações coletadas.

3.1 Coleta de dados

A coleta foi realizada a partir de duas fontes distintas: o Corpus do Português, por meio da aba NOW, e o Twitter. O objetivo foi reunir ocorrências autênticas e sincrônicas do verbo pegar em sua forma infinitiva, exclusivamente em construções associadas ao padrão mais geral [S PEGAR O].

A aba NOW do Corpus do Português oferece textos extraídos de sites, revistas, blogs, entrevistas e outros gêneros digitais em língua portuguesa, com registros entre os anos de 2012 e 2019. A escolha desse intervalo teve como objetivo garantir a representatividade do português brasileiro em sua variedade sincrônica. Já os dados do Twitter foram coletados com base em postagens datadas de 2024, ampliando o recorte temporal e contemplando a linguagem mais recente, informal e espontânea, característica da plataforma.

Ao final da etapa de coleta, a pesquisa contou com um total de 350 dados, sendo 250 oriundos do Corpus do Português e 100 extraídos do Twitter. Esses dados foram organizados em planilhas no Microsoft Excel, separadas conforme a origem (Corpus do Português e Twitter). Cada linha da tabela correspondia a uma ocorrência do verbo pegar e foi avaliada segundo os seguintes critérios analíticos:

- Grau de esquematicidade: avalia se o construto apresenta ou não expressão explícita de sujeito e objeto;
- Animacidade: verifica se os constituintes (S e O) são [+/-animados]; Porém tendo em vista que isso é um critério secundário para a pesquisa.
- Holisticidade: classifica os dados como [+holísticos] ou [-holísticos], com base no grau de integração entre os constituintes e na leitura global do evento;
- Sentido: identifica a interpretação semântica predominante do construto, levando em conta o contexto imediato.

3.2 Identificação e agrupamento

Com base nesses elementos, procedeu-se a uma categorização formal², fundamentada nos critérios estruturais dos constituintes e não exclusivamente em seus sentidos. Tal categorização resultou em quatro grupos, organizados a partir do conceito de continuum construcional, que considera o grau de esquematicidade das construções.

Grupo 1: [S [PEGAR O]] - representa a construção mais esquemática, com preenchimento da posição verbal pelo item PEGAR, com sujeito e objeto abertos e baixa interdependência semântica, tornando-se altamente produtiva e mais composicional. Em suma, o Grupo 1 compõe os dados que instanciam a construção transitiva com o verbo pegar, como no exemplo: “você consegue fazer o check-in e pode optar por pegar o cartão magnético”.

Grupo 2: [S [PEGAR X]] - apresenta algum grau de restrição semântica no constituinte OBJ, embora ainda permita variação moderada como a troca de um complemento que esteja dentro do mesmo campo semântico. Em suma, o Grupo 2 compõem os dados como: “é só pegar os ônibus e vans locais” e “basta pegar o teleférico leva o visitante ao topo da montanha”, em que ambos os objetos são do tipo meio de transporte, embora tenha uma possibilidade maior de esquematicidade no sujeito.

² Como dito, muitas vezes usaremos expressões referentes ao aspecto formal das expressões analisadas, nosso foco, nesses contextos, é apenas o rótulo que salienta aspectos formais de usos, muitas vezes, bem distintos funcionalmente.

Grupo 3: [S PEGAR X] - está associada a padrões mais especializados, com seleção lexical restrita e mais forte entre S e O. Em suma, o Grupo 3 compõem os dados do tipo: “Se você pegar no sono rápido”, e quem mantém maior grau de esquematicidade do SUJ.

Grupo 4: [(Z) PEGAR (Y)] - corresponde aos chunks idiomáticos, ou seja, formas cristalizadas com sentido próprio, não composicional, que não permitem variação em sua estrutura interna. São construções altamente fixas e opacas. Em suma, o Grupo 4 compõem os dados do tipo: “É pegar, ou largar.”.

Essa organização em quatro grupos permite observar como o padrão [S PEGAR O] opera dentro de um continuum que vai do altamente esquemático ao altamente idiomático, em consonância com os princípios da GCBU (GOLDBERG, 1995; BYBEE, 2010; FREITAS JR. et al., 2020b), e que guarda sempre, em algum grau, por extensão metafórica, o sentido de apreensão e/ou posse.

3.3 Tratamento quali-quantitativo

A última etapa metodológica consistiu em um tratamento quali-quantitativo dos dados agrupados. Nessa fase, os construtos foram realocados em novas planilhas de acordo com os sentidos identificados em cada grupo.

A partir dessa reordenação, foi possível observar que determinados sentidos ocorriam com maior ou menor frequência dentro de cada grupo esquemático. Esse mapeamento permitiu, por um lado, verificar a produtividade de certos sentidos em construções mais abertas e, por outro, destacar a cristalização semântica em *chunks* idiomáticos. Assim, a análise combinou interpretação qualitativa com frequência relativa, aprofundando a compreensão sobre os graus de variabilidade das construções com o verbo pegar.

4. Resultados e Análises dos Dados

Nesta seção, apresenta-se a descrição e a análise dos principais resultados da pesquisa, organizados a partir das variáveis identificadas na metodologia. Seguindo o percurso de investigação, abordam-se inicialmente os aspectos ligados ao que foi o principal aspecto analisado na pesquisa, aquilo que se apresentou como mais valioso ao trabalho, a

coerência semântica; e de forma secundária, a animacidade do sujeito, seguidos pela animacidade do objeto, pela holisticidade da construção e, por fim, pelos sentidos atrelados ao padrão [S PEGAR O].

Cabe destacar que na pesquisa foram considerados também casos em que sujeito ou objeto não se encontram expressos. Essas variações, longe de invalidarem os dados, revelam o funcionamento dinâmico da língua e a oscilação entre estruturas mais prototípicas e estruturas mais estilizadas.

4.1 Animacidade do sujeito

No que se refere à animacidade do sujeito, observou-se, tanto no corpus NOW quanto no Twitter, uma predominância de sujeitos [+animados]. No entanto, a distribuição apresenta uma nuance interessante: enquanto no NOW essa predominância é mais expressiva, os dados do Twitter exibem uma diferença menos acentuada entre sujeitos [+animados] e [-animados].

Esse comportamento confirma expectativas relacionadas ao padrão argumental prototípico do português brasileiro na construção geral [S PEGAR O]], caracterizado, em geral, por sujeitos humanos, agentes e com controle da ação. Mesmo em construções que caminham em direção ao idiomatismo ou ao uso metafórico, como ocorre em muitos casos com o verbo pegar, a presença de sujeitos animados permanece como um traço estrutural estável.

Por outro lado, os casos com sujeitos [-animados], embora minoritários, revelam uma tendência à estilização e à criatividade discursiva, especialmente no Twitter. Esse tipo de dado aponta para um deslocamento do padrão prototípico, abrindo espaço para usos focalizados ou idiomáticos, conforme já analisado por Freitas Jr. e Marques (2020).

4.2 Animacidade do objeto

Em relação ao objeto, a distribuição geral mostra que os objetos [-animados] são predominantes em ambos os corpora. Essa prevalência é coerente com a leitura mais literal do verbo pegar, comumente associado à manipulação física de objetos concretos, como em: "pegar o celular", "pegar o ônibus" ou "pegar a mochila".

Entretanto, observou-se também a presença, embora em menor número, de objetos [+animados], sobretudo no corpus do Twitter. Esses casos tendem a surgir em construções mais expressivas ou figuradas, como "pegar alguém", "pegar o inimigo de surpresa", entre outras. A recorrência desses usos, mesmo que minoritária, sugere a existência de microconstruções especializadas que se estabilizam com base na frequência e no contexto de uso, conforme argumentado por Perek (2015).

Desse modo, os dados reforçam a ideia de que a animacidade do objeto, embora sujeita a variação, permanece como um índice relevante para a distinção entre usos mais literais e usos mais figurados do verbo pegar.

4.3 Holisticidade

A análise da holisticidade das construções revelou diferenças significativas entre os dois conjuntos de dados. No corpus NOW, predominam construções [-holísticas], ou seja, mais composicionais e alinhadas ao uso literal do verbo. Já no Twitter, os dados evidenciam um aumento expressivo de construções [+holísticas], com interpretações mais globais e estilizadas.

As construções [+holísticas] envolvem objetos que extrapolam a leitura literal e instauram um significado interpretativo mais amplo, como em "pegar na mentira", "pegar na festa" ou "pegar na revolta". Nesses exemplos, o objeto não é mais um referente concreto, mas um efeito semântico complexo que exige maior inferência do falante.

Esse padrão está em consonância com o que Traugott e Trousdale (2013) denominam de constructionalization, ou seja, processos de mudança construcional em que novos sentidos emergem e se cristalizam gradualmente com base na frequência e na produtividade discursiva.

4.4 Types e Tokens

Dos 350 dados analisados, 250 foram coletados no Corpus do Português e 100 no Twitter. A partir da identificação da estrutura sintática de cada ocorrência, organizou-se a seguinte distribuição dos padrões construcionais:

Padrões formais	Quantidade	Exemplos:
S [pegar O] - Prototípico	156	flagra os dois e depois volta para pegar a arma
S [pegar (O)]	99	O cara queria usar a namorada pra pegar mulher
S [pegar X]	92	prometo pegar mais leve
[(Z) pegar (X)]	3	O Cauly vem aí e o bicho vai pegar.

Fonte: o autor

Apesar do português brasileiro ser uma língua de sujeito nulo permissivo (+ pro-drop), os dados revelam uma clara preferência pela expressão explícita do sujeito, o que reforça a estabilidade do padrão prototípico SVO. As construções com omissões (de sujeito ou objeto), embora minoritárias, mostram a flexibilidade e a adaptabilidade da língua, em consonância com os princípios da GCBU.

Em termos semânticos, a análise dos sentidos permitiu identificar 56 enquadramentos distintos (types) ao longo dos dados, os quais foram agrupados com base em uma leitura interpretativa. Reconhece-se, contudo, o caráter subjetivo dessa operação, dado que a atribuição de sentido depende da leitura contextual e da experiência linguística do analista. Ainda assim, a multiplicidade de sentidos evidencia a produtividade e a flexibilidade do verbo pegar em diferentes padrões construcionais.

Abaixo, seguem quadros com os 10 sentidos mais frequentes e os 10 menos frequentes, organizados no modelo de types (enquadramentos semânticos) e tokens (número de ocorrências):

Quadro 1:

Sentidos (Types)	Padrão Formal	Número de dados (Tokens)	Exemplos
Prototípico	S [Pegar O]	156	A gente saía da escola, corria na rua para pegar a trave

Fonte: o autor

Na tabela acima podemos observar o número de dados com o padrão S [Pegar O]. Nesses dados temos apenas os sentidos prototípicos do verbo bem como suas quantidades encontradas nesse estudo e um exemplo para tratar do padrão. Como estão sendo retratados apenas a quantificação dos dados que contém o sentido prototípico, não há presente na tabela uma variação nesse quesito.

Quadro 2:

Sentidos (Types)	Padrão Formal	Número de dados (Tokens)	Exemplos:
Conquista	S [Pegar (O)]	25	Não, eu tenho medo de eu pegar o líder e mandar o Rodrigo para o paredão
Confronto	S [Pegar (O)]	5	a equipe vai pegar o Londrina , fora de casa, defendendo a enorme vantagem de 4 a 0
Aproveitar	S [Pegar (O)]	11	aproveitaram o sol e os quase 30°C pra pegar uma praia.
Doença	S [Pegar (O)]	8	Também podem pegar resfriado com mais facilidade.
Roubo	S [Pegar (O)]	7	Ele a atacou na Praça Paris e a derrubou no

			chão para pegar a pochete.
Selecionar	S [Pegar (O)]	12	A comissão multidisciplinar tem de ter a capacidade de pegar um jogador cansado e colocar- lo em campo, não tirar- lo.
Relacionar-se	S [Pegar (O)]	15	Pabllo Vittar está deixando todos enlouquecidos nos Estados Unidos depois de pegar dois homens no festival Coachella
Meio de transporte	S [Pegar (O)]	49	E pegar o ônibus para Aparecida de o Norte foi a solução para o imprevisto de o seu Manuel.

Fonte: o autor

Na tabela acima foram apresentados oito sentidos diferentes para o padrão formal S [Pegar (O)]. Dentro desse padrão a coerência semântica, já comentada anteriormente no corpo da pesquisa, pode ser observada, os exemplos apresentados mostram complementos que estão inseridos dentro de um determinado campo semântico e que podem ser substituídos, dentro desse esquema, por outros complementos de igual valor. Observe outros dados relacionados ao tópico “Meio de Transporte”: [Bastará chegar até um de os terminais e pegar a embarcação] e [Em vez de pegar o avião em Sacramento, onde está o aeroporto mais próximo], em ambos os casos, assim como no dado apresentado na tabela, a ideia é de que haja um complemento do tipo meio de transporte. O mesmo ocorre em [Como eu queria pegar vc de jeito nessa cama] e [só posta p pegar mulher mrm] onde obtemos o complemento como sendo um ser com traços mais animados e humanos que condiz com o uso do “pegar” com

sentido de relacionar-se romântica ou sexualmente. Enfim, através disso pode-se ser avaliado como funciona a limitação da coerência semântica do complemento que seleciona objetos dentro do mesmo campo.

Quadro 3:

Sentido (types)	Padrão Formal	Número de dados (tokens)	Exemplos
Punição	S [Pegar X]	19	O homem deve ser indiciado por estupro de vulnerável e, se condenado, pode pegar entre 8 e 15 anos de prisão
Acidente	S [Pegar X]	8	Ônibus fica destruído após pegar fogo em o bairro de São Cristóvão
Mudança de estado	S [Pegar X]	1	Se você pegar no sono rápido
Temporal	S [Pegar X]	1	tô ferrado vou pegar o pior horário em plena segunda
Surfar	S [Pegar X]	2	Estou muito feliz de ter ido para a terceira fase e ter conseguido pegar duas ondas
Pensar	S [Pegar X]	1	É de o tipo de se pegar pensando
Surpreender	S [Pegar X]	2	mas pegar de surpresa que é bom !
Confusão	S [Pegar X]	5	Você vai ver aquilo lá pegar fogo de verdade . Como te

			falei a paciência já esgotou.
--	--	--	-------------------------------

Fonte: o autor

Assim como observado na tabela anterior, o padrão S [PEGAR X] apresenta uma diversidade significativa de sentidos possíveis. No entanto, destaca-se aqui uma diferença fundamental quanto à natureza construcional desses dados. Ao contrário do padrão mais esquemático S [pegar (O)], neste conjunto nota-se uma menor variabilidade nos complementos, os quais tendem a ser semanticamente mais restritos e fortemente associados ao verbo “pegar”.

Essa tendência indica um maior grau de especialização construcional, caracterizando esses dados como unidades mais holísticas e menos produtivas do ponto de vista composicional. Em outras palavras, tratam-se de construções que operam mais próximas ao polo idiomático, com forte associação entre forma e sentido, frequentemente funcionando como chunkings de difícil recomposição interna.

Além disso, observa-se um distanciamento considerável do sentido prototípico de ‘pegar’, geralmente associado à ação física de agarrar ou tomar posse de algo concreto. Os sentidos elencados no quadro acima (como punição, mudança de estado, confusão, entre outros) revelam usos mais figurativos e metafóricos, o que reforça a ideia de que essas construções ocupam um espaço mais à direita no continuum construcional proposto neste trabalho, aproximando-se de expressões mais lexicalizadas, que emergem do uso e se consolidam com base na frequência e na recorrência semântica.

Quadro 4:

Sentido (Types)	Padrão Formal	Número de dados (Tokens)	Exemplos
Confusão	[(Z) pegar (X)]	1	O Cauly vem aí e o bicho vai pegar.
Proposta	[(Z) pegar (X)]	1	É pegar, ou largar.

Conclusão	[(Z) pegar (X)]	1	ele vai pegar pra capar com a questão indígena, explica. Alencar inova,
-----------	-----------------	---	--

Fonte: o autor.

Por fim, na última tabela, estão dispostas construções que representam o nível mais idiomatizado do *continuum* construcional observado na pesquisa. Ainda que pouco frequentes no *corpus*, essas ocorrências ilustram com clareza a fixidez semântica e formal característica de *chunks*. Nesses casos, há uma ruptura com a composicionalidade típica do padrão argumental, e o sentido da construção como um todo não pode ser depreendido pela simples soma de seus constituintes. As expressões como "o bicho vai pegar" ou "pegar pra capar" revelam estruturas altamente cristalizadas, com papel discursivo e pragmático específico.

Esses dados mostram que o verbo pegar, apesar de aparentemente simples, apresenta Construções independentes e suas variações de sentido não são aleatórias, mas refletem a interação entre frequência, contexto, esquematicidade conforme previsto pelos modelos de rede da GCBU.

4.5 Proposta de rede

Como culminância das análises realizadas e com o intuito de sintetizar os resultados obtidos ao longo desta pesquisa, propõe-se a construção de uma rede que representa os diferentes padrões construcionais derivados do esquema mais amplo [S pegar O]. Essa rede tem por objetivo servir como uma visualização das microconstruções identificadas a partir dos dados analisados, respeitando tanto os critérios formais quanto semânticos que nortearam a categorização proposta nos capítulos anteriores.

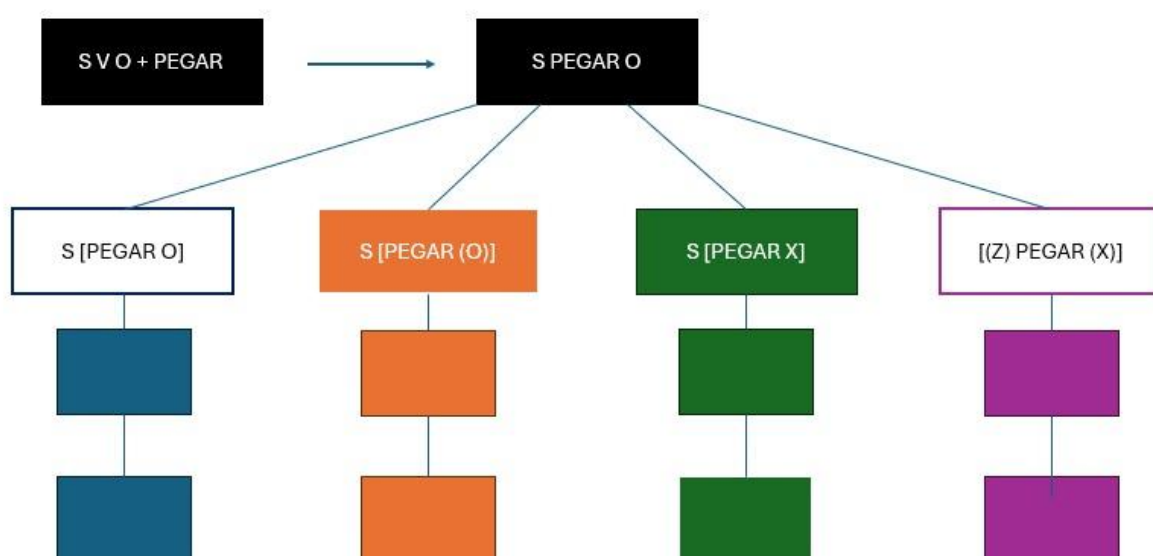
A proposta da rede construcional está fundamentada nos princípios da Gramática de Construções Baseada no Uso, especialmente no que tange à ideia de que construções linguísticas formam sistemas organizados em redes baseadas em similaridade, produtividade, frequência e grau de esquematicidade (Goldberg, 1995; Bybee, 2010). Dessa forma, os padrões identificados são representados de maneira contínua, variando do mais composicional e esquemático ao mais fixado e idiomático, em um *continuum* construcional.

A organização da rede parte do padrão argumental prototípico, no qual o verbo pegar aparece em construções do tipo S [pegar O] com sujeitos e objetos claramente identificáveis e semanticamente pouco controlados por exemplo, Ele “pegou o celular”. A esse padrão foi atribuído o Grupo 1, considerado o mais esquemático e composicional. Em seguida, no Grupo 2, foram inseridas construções em que o objeto, embora variável, tende a ocorrer em domínios semânticos mais delimitados e previsíveis, como meios de transporte ou itens recorrentes no cotidiano (ex.: “pegar o ônibus”, “pegar o metrô”), sugerindo uma forma parcial de especialização construcional.

No Grupo 3, são representadas construções em que o verbo pegar aparece em expressões do tipo pegar leve, pegar pesado ou pegar mal, cuja estrutura demonstra menor abertura a variações e maior grau de cristalização formal e semântica. Por fim, no Grupo 4, estão as expressões idiomáticas (chunks), cuja interpretação é fortemente dependente do contexto e cujo sentido não é composicional, como o “bicho vai pegar”, entre outras.

Essa visualização em forma de rede reflete, portanto, os níveis de idiomaticidade ao longo do continuum esquemático identificado com base nos dados empíricos. A estrutura proposta não apenas sintetiza os achados da pesquisa, mas também ilustra de modo claro e didático os processos de especialização e construcionalização, conforme argumentado por autores como Traugott & Trousdale (2013). Além disso, o modelo reforça a natureza dinâmica e emergente da gramática, concebida aqui como fruto do uso e da interação entre forma e sentido, como prevê a perspectiva construcional.

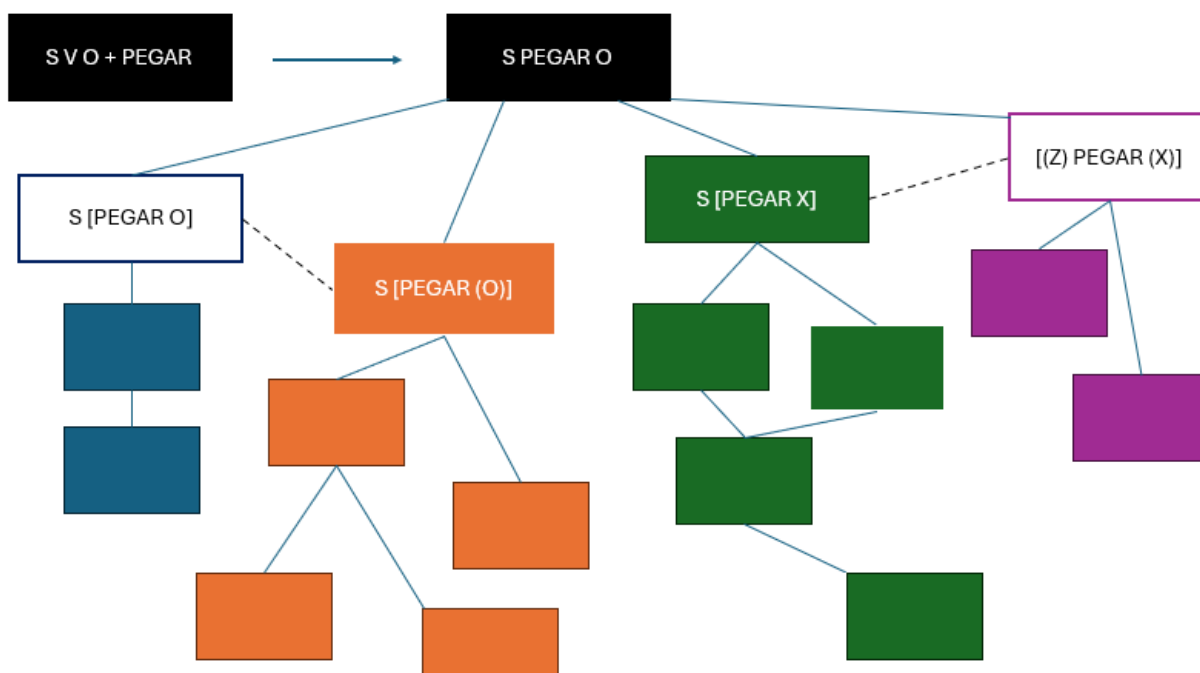
Por fim, apresenta-se nessa pesquisa dois modelos de rede que foram pensados para a pesquisa em questão. O primeiro deles o modelo taxonômico.



Fonte: o autor.

A adoção de uma rede de uma estrutura puramente taxonômica não atende totalmente ao modelo da GCBU. Em uma perspectiva cognitiva, a organização do conhecimento linguístico não se dá de maneira linear ou exclusivamente hierárquica, mas por meio de relações interconectadas entre formas e significados que variam em grau de abstração, produtividade e flexibilidade. Redes estritamente taxonômicas, embora úteis para representar relações de generalização e especialização entre construções, tendem a obscurecer conexões mais transversais, como as analogias formais, extensões semânticas, justaposições por frequência de uso ou mesmo proximidades funcionais que não obedecem a critérios hierárquicos estritos.

Já a rede apresentada abaixo, que ainda possui seu caráter taxonômico, todavia possui também diversos eixos, assim acomoda com mais flexibilidade essas múltiplas dimensões relacionais. Nela, é possível representar simultaneamente tanto os vínculos verticais entre esquemas mais gerais e construções mais específicas quanto às articulações horizontais entre construções que compartilham elementos formais e semânticos, mas que não necessariamente derivam umas das outras. Esse tipo de estrutura permite, portanto, mapear a gramática do verbo “pegar” não como um inventário fechado de padrões categorizados, mas como um sistema dinâmico de construções emergentes do uso, em que cada nodo da rede reflete diferentes graus de esquematicidade e idiomatidade. Observe na figura abaixo:



Fonte: o autor.

Do ponto de vista cognitivo, essa abordagem possibilita visualizar com maior precisão a forma como o falante organiza e acessa o conhecimento linguístico, conforme também defende Perek (2015). A frequência de uso, a recorrência de combinações e a saliência de certos padrões levam à fixação de construções que se relacionam não apenas por herança categorial, mas também por vizinhança funcional, proximidade formal ou frequência de coocorrência. Assim, a rede aqui proposta oferece uma representação mais realista da estrutura construcional do verbo *pegar*, respeitando a natureza não linear, gradual e multifacetada da gramática baseada no uso.

5. Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo descrever e analisar o comportamento do verbo “pegar” no português brasileiro, com foco no esquema construcional geral [S PEGAR O], a partir da perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), especialmente à luz da hipótese de valência construcional proposta por Perek (2015). Considera-se que esse objetivo foi cumprido de forma satisfatória, uma vez que os dados coletados e analisados permitiram identificar padrões frequentes de uso que apontam para diferentes níveis de composicionalidade, idiomatidade e esquematicidade no uso do verbo em construções diversas.

Os resultados indicam que há uma forte relação entre o item lexical “pegar” e esquemas argumentais recorrentes, com destaque para a alta produtividade de construções que podem variar desde estruturas altamente composicionais até realizações mais fixas e idiomáticas, como no caso de expressões figuradas ou metafóricas. Essa variação evidencia o papel do uso na modelagem da gramática e na emergência de construções que combinam padrões formais e significados convencionais.

Como limitação da pesquisa, destaca-se o recorte metodológico adotado, que privilegiou apenas a forma infinitiva do verbo “pegar”. Essa delimitação, embora restritiva em certo aspecto, foi necessária para garantir a viabilidade da análise dentro dos limites de tempo do trabalho. O estudo de formas flexionadas do verbo — como formas no pretérito, no presente do indicativo, ou no subjuntivo — certamente enriqueceria ainda mais a compreensão da produtividade construcional do verbo, mas ampliaria significativamente o *corpus* e a complexidade da análise, comprometendo a profundidade exigida em um estudo de natureza monográfica. Nesse sentido, a delimitação adotada reflete o caráter natural de qualquer investigação linguística, que deve necessariamente estabelecer fronteiras claras para tratar seu objeto de maneira criteriosa e consistente.

6. Conclusões

Com base em Perek (2015), os dados analisados revelam que determinadas construções com o verbo “pegar” ocorrem com maior frequência, o que sugere uma relação mais estreita entre o item lexical e esquemas argumentais específicos. Essa frequência elevada aponta para uma maior acessibilidade cognitiva, seja na formação direta do padrão [S PEGAR O], seja no desenvolvimento de construções com diferentes graus de idiomaticidade e esquematicidade associadas ao mesmo verbo.

7.Referências

PEREK, Florent. Argument structure in usage-based construction grammar. 2015.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. Usage-based Theory and Exemplar Representations of Constructions. In: HOFFMANN, Tomas; TROUSDALE, Graeme (orgs.). The Oxford Handbook of Construction Grammar. Oxford: Oxford University Press, 2013

FERRARI, L. Introdução à Linguística Cognitiva. São Paulo: Contexto, 2018.

FILLMORE, C.; KAY, P., O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, v. 64, p. 501-38, 1988.

FREITAS JR., R.; MARQUES, P. M. Sobre links e herança construcional: uma revisão construções - . *Revista Só Letras*, Rio de Janeiro, n. 37, p. 204-223, jan./jun. 2019.1.

FREITAS JR., R.; MARQUES, P. M. Uma visão construcional da ordem verbosujeito como estratégia de focalização no Português do Brasil. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, Edição Comemorativa, p.680-700, 2020a.

FREITAS JR., R.; CASTANHEIRA, D. S.; ROCHA, J. A.; NASCIMENTO, J. P. S. A descrição linguística de [(X)[Correr SN]] foc: uma discussão sobre construções de estrutura argumental à luz da GCBU. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 14, n. 29, p. 84-98, 2020b. FREITAS JR., R.; BARBOSA, K.; SILVA, E. C. Essa construção sofreu mó mudança de lá pra cá: possível trajetória evolutiva da construção [MóX]. *Matraga*, v. 29, n. 56, p. 349-361, mai./ago. 2022.

FREITAS JR, R.; SILVA, A. S.; PINHEIRO, D. Gramática de Construções Baseada no Uso. *Soletras*, Rio de Janeiro, n.44, 2022.

GOLDBERG, A. *Constructions, A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995

GOLDBERG, A. Patterns of Experience in Patterns of Language. In Michael Tomasello (ed.) *The New Psychology of Language: Cognitive and Functional Approaches to Language Structure*. Lawrence Erlbaum. Volume 2, 2003, p. 203-219.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. *Constructionist Approaches*. In: HOFFMANN, Tomas; TROUSDALE, Graeme (orgs.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

PINHEIRO, D. *Um Modelo Gramatical para a Linguística Funcional-Cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso*. In: TELES ÁLVARO, Patrícia; FERRARI, Lilian. *Linguística Cognitiva, da linguagem aos bastidores da mente*. Campos dos Goytacazes: Brasil Multicultural, 1.ed., 2016.

PINHEIRO, D.; ALONSO, K. 30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento construcionista (ou: 1988: o ano que não terminou). *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v.14, n.1, p. 6-29, 2018.

PINHEIRO, D.; FERRARI, L. *Linguística Funcional, Linguística Cognitiva e Gramática de Construções: mapeando o campo das abordagens CognitivoFuncionais*. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, Edição Comemorativa, p. 595- 621, 2020.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.